

## **A História da Interpretação do Mal em Paul Ricoeur**

### **The History of the Interpretation of Evil in Paul Ricoeur**

Victor Hugo de Castro Dutra<sup>1</sup>  
victor.hugojf@hotmail.com

#### **Resumo**

Em nosso estudo pretendemos avaliar *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia*, onde verifica-se como o mal fora avaliado pela tradição tanto filosófica como teológica. O texto de Ricoeur tem por objetivo apresentar os níveis de discurso na especulação do mal. Cada pensador escolhido por Ricoeur representa um determinado período do entendimento sobre o mal, o que designa por estágios ou níveis. Pretendemos expor como Ricoeur inova propondo estágios para a interpretação da questão sobre o mal. Com sua colaboração temos a formação de um quadro sistemático para se avaliar a questão do mal sob a perspectiva histórica e a consequente abordagem de autores presentes na tradição filosófica e teológica.

**Palavras-chave:** mal, história, Ricoeur, filosofia, teologia.

#### **Abstract**

In this study we intend to evaluate the book *The Evil: A Challenge To Philosophy And Theology*, where it is analyzed how evil was evaluated by both the philosophical and theological traditions. Ricoeur's text intends to present the levels of the discourse in the speculation about evil. Each thinker chosen by Ricoeur represents a certain period of the comprehension of evil, which is called a stage or level. We intend to explain how Ricoeur makes a new interpretation when he proposes levels or stages for the question about evil. With Ricoeur's collaboration, we have a systematic framework to evaluate the question about evil under a historical perspective and the following approaches of other authors in the philosophical and theological tradition.

**Keywords:** evil, history, Ricoeur, philosophy, theology.

#### **Introdução**

Para Ricoeur o mal é um problema antropológico. Na conclusão de *The Fallible Man*, nosso autor situa a ação má na falibilidade humana. O homem, esse ser falível, incompleto e capaz de bondade, e que em situação também é capaz do mal. É nesse sentido que Ricoeur avalia o mal, um fenômeno que escandaliza. O mal é um fenômeno que devemos enfrentar, seja no campo especulativo, seja na ação, ou seja, no sentimento

---

<sup>1</sup> Mestrando PPCIR-UFJF, possui licenciatura plena em Filosofia (UFJF).

que nos acomete. Aqui avaliaremos como Ricoeur interpreta a especulação precedente na história do mal.

No que tange o estudo do conceito de mal, Ricoeur não se furta de especular acerca das respostas já constituídas historicamente, o que ele chama de níveis de discurso na especulação sobre o mal. Isto no intuito de aproximar-se do radical sobre o problema. Vemos que através da avaliação de cada estágio, Ricoeur vai se aproximando de como podemos avaliar o mal. Em quais perspectivas o mal se presentifica a condição humana. A avaliação dos níveis de discurso permite especular mesmo a existência de Deus. O que parece ser, na maioria dos estágios, um problema ainda maior do que o fenômeno do mal.

São cinco os níveis de discurso na especulação sobre o mal propostos por Ricoeur, aos quais por si só, designa por estágios. O nível do mito, o estágio da sabedoria, o estágio da gnose e da gnose antignostica, o estágio da teodicéia e por fim o estágio da dialética quebrada. Na especulação sobre o mal, o próprio especular envolve uma dimensão onto-teológica do problema. Nestes estágios o problema do mal é ligado ao problema de sua origem, o que conseqüentemente remete ao problema entre Deus e a existência do mal.

Nas primeiras linhas de *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia*, Ricoeur parece privilegiar a teodicéia, no que demonstra melhor a correlação entre a existência do mal e a bondade da criação. Ricoeur avalia os termos lógicos da teodicéia onde o problema é posto da seguinte forma: “Deus é todo poderoso; Deus é absolutamente bom; contudo o mal existe” (Ricoeur, 1988, p.21). Este argumento busca conciliar a bondade de Deus à existência do mal. O uso do termo *contudo*, significa também *apesar de*. O que Ricoeur frisa, na teodicéia, é justamente a impossibilidade de nossos recursos em abarcar o problema do mal à maneira da não contradição à bondade de Deus. No caso dos níveis de interpretação sobre o problema do mal, Ricoeur pontua, já de início que não se trata somente do problema da existência do mal, mas já o mal em dimensão de relação à Deus. E que posto desta forma mascara a questão do mal, enquanto fenômeno. Quanto a isso comenta: “O que é pressuposto pelo modo de colocar o problema não é posto em questão, isto é a própria forma proposicional na qual os termos do problema são expressos, e a regra de coerência a qual a solução admite dever satisfazer” (Ricoeur, 1988, p.22). Ricoeur critica justamente a posição onto-teológica

em que o problema do mal é apresentado, a dimensão onto-teológica dada ao problema do mal o mascara, na medida em que é visto sobre sua relação à bondade e potência de Deus. E sua solução é abordar o mal como fenômeno. A pesquisa de nosso autor atenta para a pessoa que sofre.

### **O Nível do Mito**

O primeiro dos níveis de discurso na especulação sobre o mal é o nível do mito. Neste primeiro nível, o interesse de Ricoeur parece ser marcar a pergunta ontológica e quiçá fundamental sobre o mal: De onde vem o mal? Esta é também a pergunta da gnose (o terceiro estágio), e aqui já aparece de maneira rudimentar, no nível do mito. Mas como frisamos, Ricoeur faz uma análise fenomenológica do mal, assim começa pela explicação mitológica que dá origem as posteriores interpretações do problema do mal.

No nível do mito, a primeira aproximação de Ricoeur é o conceito *tremendum fascinosum* de Rudolf Otto que para nosso autor expõe uma ambivalência constitutiva entre a bondade da criação e o mal. O *tremendum fascinosum* é aquilo ao qual nos postramos em reverência diante do assombro que nos causa. Neste sentido Ricoeur entende que neste conceito as proposições lógicas são resolvidas em uma dimensão de mistério. O conceito de Otto “confere ao mito o poder de assumir tanto o lado tenebroso como o lado luminoso da condição humana” (Ricoeur, 1988, p. 26).

O mal no nível do mito está condicionado a criação, é parte dela. A assunção do mal é parte da antropogênese que ruma à cosmogênese. O entendimento de Ricoeur é que no nível do mito o mal é assumido na cosmogênese através da experiência da falibilidade humana, como visto no fenômeno da culpabilidade. Como vemos em *The Symbolism Of Evil* o mal é primeiramente, um macular-se, uma culpa que surge de fora não se tendo certeza de sua origem, mas que mancha ou corrompe a pessoa deixando-a culpada. E que num segundo momento pode ser vista sob a forma de pecado, fruto de uma ação que o culpa. Sendo a própria culpa o terceiro tipo de fenômeno que demonstra a culpabilidade. Na culpa é o sentimento dela própria que o dimensiona a uma situação que precisa ser remediada sob as vistas da Divindade. Para Ricoeur, se primeiramente no nível do mito o mal é o que nos assombra, o que nos culpa, “Em seguida, o mito incorpora a experiência fragmentária do mal nas grandes narrativas da origem da

contribuição cósmica” (Ricoeur, 1988, p. 26). Ricoeur denota com isso que o fenômeno do mal já se encontra presente na discurso sobre o mal no nível do mito, e que seu fenômeno é que dá origem a especulação do mal em sua origem.

A origem do mal é então indagada no sentido de especular a origem da própria falibilidade humana. E por fim, explicar o porquê da culpa. O corolário da origem antropogênica do mal tem como respostas a solução do monismo, do dualismo ou mesmo soluções mistas. No monismo Deus lança também o mal. No dualismo o mal é uma entidade apartada de Deus, como contraparte, criada junto a Divindade. E a mista tem um Deus que permite a existência do maligno. No monismo vemos o mal como a mão esquerda de Deus. Um exemplo de resposta dualista ao problema do mal, é a luta entre Tiamat e Marduk nas águas primordiais. Das mistas o exemplo é o próprio de Agostinho em que o mal existe como pecado original, mesclando a existência de um monismo de Deus e a existência de um mal original permitido por Deus. Dessa forma o nível do mito, explica a existência do mal através de parábolas, que tem por finalidade resolver a questão da falibilidade e da culpabilidade dos homens.

O nível do mito em ultima instância:

Todavia, é através de seu lado folclórico que o mito recolhe o lado demoníaco da experiência do mal, articulando-a em uma linguagem. Inversamente, é por seu lado especulativo que prepara o caminho às teodicéias racionais, acentuando os problemas de origem (Ricoeur, 1988, p. 28).

Destarte o mito acumula as experiências pessoais de mancha (*souillure*), pecado e culpa, compondo o arcabouço linguístico e estrutural das culturas. O mal é então resultado de fenômenos que compõem a própria tessitura histórica da pessoa frente ao mal. E ainda, por outro lado, é o que radica a racionalização do problema do mal. Isto como constructo metodológico que busca compreender e abarcar o problema de sua origem.

E neste sentido é que repetimos a pergunta *de onde vem o mal?* Para Ricoeur, é o nível do mito que propicia a questão. Uma vez que o mito tem em sua composição cosmológica o elemento do mal antropológico. E ainda o mito não responde completamente a pergunta exceto pela hermenêutica dos textos, função esta da filosofia e da teologia. A origem do mal, desta forma, é posta para o explorar de outros níveis de discurso na especulação do mal.

## O Estágio da Sabedoria

O segundo dos níveis de discurso na especulação sobre o mal é o estágio da sabedoria. Para Ricoeur, este estágio é desdobramento do primeiro. Onde se insere a pergunta: “Será que o mito poderia responder de modo integral à esperança dos seres humanos agentes e sofridos?” (Ricoeur, 1988, p. 28). Neste sentido, a questão mais uma vez é posta em sua dimensão antropológica. Se no primeiro estágio é o assombro de uma pessoa frente a dimensão do sagrado, agora é a dupla dimensão da pessoa que é agente do mal, e da pessoa sofredora de um mal. Neste estágio Ricoeur coloca ênfase na pessoa sofredora como exemplo desse estágio.

Neste nível de discurso a lamentação toma um caráter especial. Aqui é o lamento de uma pessoa em face do mal acometido à si. E que toma forma na pergunta: *por que eu?* Para Ricoeur, no estágio da sabedoria a lamentação se transforma em queixa. Assim é que a lamentação tem um caráter especial, o lamúrio da dor toma ciência de si, e questiona não só a si indagando sua culpa, mas indaga à divindade sobre a justiça do mal acometido. No estágio da sabedoria nos diz Ricoeur: “Aqui a lamentação se torna queixa: pede as contas à divindade” (Ricoeur, 1988, p. 28).

Ainda que a análise de Ricoeur, como acreditamos, seja de cunho antropológico, ela beira a teologia. Nossa proposta é de que o mal em Ricoeur é visto fundamentalmente de maneira antropológica. Mas perguntamo-nos: quem é essa pessoa em face do mal? Quais as condições de sua vida? De que maneira fora educado? Para respondermos essas questões precisamos abrir um espaço para posicionarmos o autor frente ao que exporemos na conclusão. A nosso ver, a obra *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia*, pode ser lida com a mesma ressalva de que faz uso Ricoeur em *THE SYMBOLISM OF EVIL*. Isto é, à de que, como herdeiro da tradição judaico cristã, é a partir dela que escreverá.

Perguntando novamente sobre o *por que eu?* do sofrimento, ou do *pedir contas à divindade*, nos vemos já inseridos no contexto religioso. E mais, no contexto judaico da Aliança. Ricoeur tem o cuidado de dizer da Aliança como um exemplo da resposta, e não como um resultado absoluto. Mas é interessante observar que mesmo este exemplo pode ser lido de maneira antropológica, já que como coloca Ricoeur quanto da Aliança: “se o Senhor está em processo com seu povo, este também está em processo com Deus”

(Ricoeur, 1988, p.29). É um povo que apreende da divindade, e que com ela dialoga, na esperança dos bons atos à misericórdia, e na resolução dos maus atos à justiça.

Para Ricoeur o entendimento do mito à sabedoria avança. Onde

o mito deve mudar seu registro: torna-se necessário não só *contar* as origens, para explicar *como* a condição humana em geral se tornou o que ela é, mas *argumentando*, para explicar *por que* ela é assim, de modo diferente, para cada ser humano (Ricoeur, 1988, p. 29).

No estágio da sabedoria a origem não basta para elucidar o *como* da situação. É necessário argüir, e ir construindo o entendimento das mazelas e benesses sociais. Mas isso não é tudo, se com a citação acima definimos o estágio da sabedoria, como um estágio de argumentação. Ainda urge a pergunta fundamentalmente antropológica do *por que eu?*

Para nosso autor, no estágio da sabedoria a primeira explicação sobre o mal sofrido é a ideia de *retribuição*. Todo mal é fruto de um pecado individual ou coletivo. Uma punição por um pecado conhecido ou desconhecido. E assim todo sofrimento é merecido em uma ordenação moral.

Seguindo a construção histórica, Ricoeur pontua que “a resposta da retribuição não era satisfatória, a partir do momento em que uma certa ordem jurídica começava a existir, a qual distinguia os bons dos maus e se aplicava a medir a pena do grau de culpabilidade de cada um” (Ricoeur, 1988, p. 29).

Desta feita, esta resposta se mostra insuficiente como evidencia o caso de Jó. Se o mal é dado por retribuição à ações malignas como explicar o sofrimento de um justo? E que mostra ao fim que Jó se arrepende, não dos atos, por que desses não tinha do que se arrepender, exceto talvez dos atos da juventude como marca sua fala em seu livro. Jó é um justo, é um homem de bem ao qual Deus permite o sofrimento. Jó se arrepende de sua fala contra Deus, se arrepende da própria lamentação, que tem por fim julgar a Deus e não a si mesmo. Jó ama a Deus por nada. Mas seu sofrimento permanece sem explicação, exceto se considerássemos a autonomia de Satã a atormentá-lo. O que seria mito, e não sabedoria.

O estágio da sabedoria nos mostra Ricoeur ser um tipo de solução mista ao problema do mal. Mas que por ser uma retribuição ao mal cometido, não responde ao sofrimento injusto. E em muitos outros casos não responderia o *por quê eu?* da lamentação.

## O Estágio da Gnose e da Anti-Gnose

O terceiro dos níveis de discurso na especulação sobre o mal é o estágio da gnose e da gnose antignostica. Neste estágio Ricoeur demonstra como a gnose aborda o problema do mal. Quais as suas contribuições ao pensamento e como seu desenvolvimento, se podemos dizer, culmina na Teodicéia. Fundamentalmente o problema da gnose é *unde malum*?

A gnose, para Ricoeur, se centra em uma visão estritamente moral do mal, “onde as forças do bem são engajadas num combate sem tréguas com os exércitos do mal, tendo em vista a libertação de todas as parcelas de luz rendidas cativas nas trevas da matéria” (Ricoeur, 1988, p. 31). Em que se denota relativo ao mal, mais importante é o homem fazer o bem.

Se o estágio da sabedoria abre a questão da bondade da criação ser irreconciliável com o mal, o que remete ao aspecto “jurídico” do Julgamento Divino (como lamenta Jó). O estágio da gnose entende o mal como oposição. Ricoeur nos lembra que em sua leitura não é o objetivo da gnose frisar o sofrimento (ou seja, o mal sentido por uma pessoa), mas pontuar como a gnose, e em especial Agostinho, marca o problema do sofrimento.

Para Ricoeur, o estágio da gnose, através da figura de Agostinho, entende o mal sob a ótica do mal moral. Para nosso autor em Agostinho o mal é frisado em aspecto não substancial. O que nos induz a dizer quase “existencial” ou ainda melhor, em se tratando de Ricoeur, “pessoal”. O que difere Agostinho das outras gnosés é que de um lado faz filosofia, excluindo o mal substancial e de outro abre portas ao mito fazendo exegese bíblica. E quando faz essa distinção é que talvez coloque o que achamos ser o problema chave do mal<sup>2</sup> isto é “*Unde malum* (de onde vem o mal?)”

Para Ricoeur, Agostinho pensa filosoficamente o mal, uma vez que não é substancial, não é algo que nos invade de fora como o símbolo da mancha, apresentado em *The Symbolism Of Evil*. Através de Agostinho, Ricoeur marca que o mal é também o que marca “uma distância ôntica entre o criador e a criatura” (Ricoeur, 1988, p.32).

---

<sup>2</sup> Sabemos que o problema do mal para Ricoeur tem um aspecto de vivência pessoal. É o mal que se pensa, que se tem por ação, e o mal que se sente. Contudo perguntar por sua origem é também parte do estudo de Ricoeur. Vemos isto em sua obra THE SYMBOLISM OF EVIL, onde traça de maneira quase histórica a origem do mal. Mas mais efetivamente, como a humanidade judaico-cristã o enfrentou. E tentaremos com essa dissertação apontar até que ponto o mal é explorado na obra de Ricoeur, e mais importante, como o mal se torna chave para o entendimento de sua *pequena ética*.



Desta forma podemos falar em uma *deficiência* daquele que é criado em Agostinho. E, em Ricoeur, *falibilidade*. O que nos permite a analogia, quanto a diferença ôntica entre criador e criatura. Entre pessoa e Divindade. E, para a gnose como um todo, o mal permite que “criaturas dotadas de livre escolha possam ‘declinar-se’ longe de Deus e ‘inclinarem-se em direção ao que tem menos ser, em direção ao nada.” (Ricoeur, 1988, p. 32), o que seria também uma resposta ao agir mal. Desta forma a falibilidade humana, esta deficiência, é a própria característica humana que fundamenta a ação má. Nesse sentido Agostinho fundamenta uma onto-teologia. E que supomos que para Ricoeur o problema do mal seja também um problema onto-teológico.

De outro lado, Agostinho fundamenta o mal na história de Adão, o que faz com que o mal seja repassado a gerações posteriores, por transmissão. Ricoeur entende que Agostinho faz uma análise precisa da insubstancialidade do mal, mas equívoca-se ao trazer de volta o mito a sua análise. Trazer o mito adâmico de volta ao palco da existência do mal faz com que o mal seja algo inerente ao homem, excluindo assim a filosofia que pensa o homem como ação. O mal em Agostinho condena o homem.

Para Ricoeur o corolário da pergunta essencial da gnose - isto é, *unde malum?*, e consequentemente a negação de sua substancialidade - lança a questão do mal a uma visão exclusivamente moral, e de onde se formula: “*unde malum fasciamus?* (de onde vem e por que fazemos o mal?)” (Ricoeur, 1988 p. 32). O que Ricoeur frisa com essa interpretação é a própria questão do livre-arbítrio. O mal, não possuindo substância própria, depende da pessoa para ser sentido, depende da pessoa para ser feito (agir), e depende da pessoa para ser pensado. Acreditamos que o estágio da gnose contribui para a formulação do problema proposta por Ricoeur, na medida que cria diretrizes de cunho pessoal. Isto é, na moralidade, ou em Ricoeur, na pequena ética.

No estágio da gnose, para Ricoeur, o pecado introduz um nada de gênero muito particular, responsável pela queda dos homens e mesmo a dos anjos. Este nada ao qual se inclina o homem ao mal não pode ser visto de outra forma que a má vontade e cito:

O *Contra Fortunatum* extrai desta visão moral do mal a conclusão que aqui mais nos importa, isto é, todo mal é, seja *peccatum* (pecado), seja *poena* (pena), uma visão puramente moral do mal, e conduz, por seu lado, a uma visão penal da história: não existe alma injustamente precipitada na infelicidade (Ricoeur, 1988 p. 33).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Nesta passagem vemos o que Ricoeur marca na passagem do símbolos do mal. O símbolo da mancha, é posto de lado pela gnose, que assume a o símbolo do pecado e que culmina no símbolo da culpa. Em *The Symbolism Of Evil*, nosso autor frisa que a culpa culmina no castigo e na aplicação da lei. O que



A infelicidade contudo é um paradoxo (nos perguntaríamos novamente sobre a história de Jó?). E acreditamos que é a pergunta sobre a infelicidade o que desemboca o quinto estágio proposto por Ricoeur, a saber, o estágio da dialética quebrada, no que tange a aceitação do mal como mão esquerda de Deus. Contudo, para a anti-gnose é um fato, um algo que nos acomete por culpa. E Ricoeur chama a atenção para esse paradoxo, dizendo que o “preço pela coerência da doutrina é enorme” (Ricoeur, 1988, p.33). De onde vem a infelicidade? Para a gnose, vem de uma razão, à saber, o inclinar-se ao nada. Filosoficamente é ir ao que tem menos ser, religiosamente ir em direção ao demoníaco. E ambos como anteriores a própria infelicidade. A infelicidade é o mal acometido por culpa. O que sucede desta visão é um retorno ao aspecto mitológico. Uma vez que o mal toma uma dimensão supra-individual. O mal é então uma potência demoníaca “já lá”, antes do ato, antes da intenção. Um mito que nos inclina ao mal.

É devido à infelicidade injustificada que a gnose busca razão no mito do pecado original. O pecado original é o mal colocado “já lá” de maneira racional. O mal é então agregado pela geração, em sua transmissão biológica e ainda pela imputação individual de culpabilidade. A este mito racionalizado Ricoeur classifica como gnose anti-gnóstica. E nos explica: “O conteúdo da gnose é negado, mas a forma do discurso da gnose é reconstituída, isto é, a de um mito racionalizado” (Ricoeur, 1988, p.34).

O essencial é que a visão estritamente moral do mal deixa sem solução ao sofrimento injusto (como o caso de Jó). Seja expondo a culpa da totalidade humana na figura de Adão, seja numa preocupação de uma ética de responsabilidade, como queria Pelágio.

### **O Estágio da Teodicéia**

O quarto dos níveis de discurso na especulação sobre o mal, é o estágio da teodicéia. Neste nível encontramos o desenvolvimento do pensamento em relação ao problema colocado por Ricoeur ao estágio da gnose, isto é, o problema do sofrimento (denominado na teodicéia de Leibniz de *mal metafísico*), mas que ainda não é capaz de

---

frisamos deste entendimento, tendo a obra de Ricoeur como um todo, é que sempre a culpabilidade detém o pecado, e da pena. E que a visão moral do mal, é também a constatação do que Ricoeur designa por culpabilidade.

responder ao sofrimento injusto. O estágio da teodicéia, à nosso ver à partir de Ricoeur, é o racionalismo moral, que culmina novamente em uma ética de responsabilidade.

Entendimento de Ricoeur é que, para se falar sobre teodicéia, deve-se remeter à seus princípios teológicos básicos. Cito:

Só se tem o direito de falar em teodicéia quando: a) o *enunciado* do problema do mal repousa sob proposições que visam a univocidade; é o caso das três asserções geralmente consideradas: Deus é todo-poderoso; sua bondade é infinita; o mal existe; b) o *fim* da argumentação é claramente apologético: Deus não é responsável pelo mal; c) os *meios* empregados devem satisfazer à lógica da não-contradição e da totalização sistemática (Ricoeur, 1988, p.35).

Isto é, o *enunciado* deve ser válido sob quaisquer circunstâncias. E neste sentido é um discurso que se faz também filosófico por sua pretensão a universalidade. E que mais, buscam a univocidade de sentido. Ou seja uma fundamentação única, capaz de doar sentido a todo o resto. O *fim* da argumentação tem o sentido de ser uma solução para o problema do mal, criando subsídios racionais para sua existência e apologia à sua contraparte boa, no caso apologia à existência de um Deus Bom. Por fim, os *meios* são lógicos, respeitando suas normas, e conseqüentemente filosóficos. O que nos leva a observação de Ricoeur quanto ao linguajar da teodicéia, um linguajar recheado de termos da filosofia, “tais como *ser, nada, causa primeira, finalidade infinito, finito, etc.*” (Ricoeur, 1988, p.35).

Estes princípios formam as diretrizes da subsequente avaliação do problema do mal, no núcleo do racionalismo ético. Para nosso autor alguns autores são emblemáticos ao se tratar deste problema. Ricoeur então se utiliza de três autores para traçar suas perspectivas e aos poucos determinar o valor de sua obra na abordagem do problema do mal. São eles Leibniz, Kant e Hegel<sup>4</sup>.

Para Ricoeur, como florão da onto-teologia, Leibniz é o modelo do gênero. Em Leibniz, para Ricoeur, duas instâncias são denotadas.

Primeira:

Por um lado, todas as formas de mal, e não somente o mal moral (como na tradição agostiniana), mas também o sofrimento e a morte, são consideradas e colocadas sob a denominação de *mal metafísico*, que é o defeito fatal de todo ser criado, se é verdade que Deus só saberia criar um outro Deus (Ricoeur, 1988, p. 35).

---

<sup>4</sup> Como já dissemos, é expondo os níveis de discurso, e o entendimento de diversos autores que Ricoeur pode demonstrar a originalidade de sua perspectiva ética e assim também construir sua pequena ética.

O sofrimento e a morte na tradição da onto-teologia demonstram o humano em relação ao mal. É a própria condição humana que se apresenta no bojo do problema. O sofrimento e a morte marcam o defeito de todo ser criado, na linguagem de Ricoeur a falibilidade humana. Ricoeur nos mostra com isso que seu conceito de falibilidade se apresenta na tradição filosófica de maneira rudimentar, mas que assegura sua inserção como herdeiro da tradição. À nosso ver há já em Leibniz uma humanização do problema do mal. Humanização esta que Ricoeur herda ao pensar o mal à maneira da pessoa que pensa, age e sofre com o mal.

Segunda:

Por outro lado, produz na lógica clássica um enriquecimento, ao acrescentar ao princípio da não-contradição o princípio da *razão suficiente*, que se enuncia como princípio do melhor, desde que se conceba a criação como proveniente de uma competição no entendimento divino, entre uma multiplicidade de modelos de mundo, dos quais um único compõe o máximo de perfeições com o mínimo de defeitos. (Ricoeur, 1988, p.35)

Nesta segunda instância inovadora de Leibniz, vemos com Ricoeur a assumpção das formas lógicas e do tratamento racional ao problema do mal. Temos uma avaliação de que o problema pode e deve ser abordado segundo os princípios da não-contradição em relação ao princípio da razão suficiente. Isto é, buscar a raiz do problema de forma a que não ultrapasse os limites da própria razão em relação a idéia da perfeição da criação. A esse entendimento da máxima perfeição com o mínimo de defeitos compreendida em Leibniz, Ricoeur designa por “nervo *racional*”. E este nervo é o que realiza a ponte entre o que é possível e o que poderia ser de outro modo.

Desta maneira o sofrimento é algo contingencial em Leibniz e que poderia ser de outro modo. Mas que é sub-assumido logicamente como parte da perfeição. A falibilidade é então condição da perfeição, não sua garantia. O nervo racional tem a função de respeitar o *fim* da argumentação da teodicéia, onde Deus não é responsável pelo mal. Contudo, o permite no cálculo do “máximo de perfeições com o mínimo de defeitos”.

Para nosso autor esse cálculo ainda não satisfaz ao apelo do justo sofredor. Seria necessário segundo ele, um profundo otimismo, para aceitar o equacionamento deste tipo de mal. O lamento e a queixa do justo sofredor não pode ser compensado por

nenhuma perfeição conhecida. Nenhuma perfeição pode justificar o mal. Para Ricoeur o mal continua um paradoxo.

Nosso autor então refere-se a Kant como aquele que desfere “o golpe mais rude, embora não fatal” (Ricoeur, 1988, p. 37) à onto-teologia, e conseqüentemente à teodicéia edificada de Agostinho a Leibniz. Para nosso autor o mal desliga-se da esfera prática como àquilo a ser combatido ignorando o mal que é sofrimento. Neste sentido é fundamentalmente o problema do mal moral, tal como Agostinho, muito embora com duas diferenças.

A primeira diferença é a de que o sofrimento não mais está ligado a moralidade, isto é, não se trata de uma punição. Mas já, o sofrimento é entendido numa perspectiva individual e concomitantemente cosmopolita. Para Ricoeur perde-se então a pertinência filosófica. A nós parece devido ao aspecto contingencial do sofrimento, é um determinado indivíduo, algo extremamente singular e indizível. É uma experiência isolada não passível de objetivação filosófica. E pelo lado cosmopolita torna-se o mal um efeito social, e não um problema filosófico. Destarte perde em ambos os aspectos a pertinência filosófica.

A segunda diferença é o tratamento da questão do *mal radical*, marcando o rompimento da idéia de pecado original. O mal não é mais uma origem do sofrimento, mas a “máxima suprema que serve de fundamento subjetivo último a todas as máximas más de nosso livre arbítrio; esta máxima suprema fundamenta a *propensão* (*Hang*) ao mal em todo o gênero humano (neste sentido Kant é conduzido ao lado de Agostinho) ao encontro da *predisposição* (*Anlage*) ao bem, constitutiva da vontade boa.”<sup>5</sup> (Ricoeur, 1988, p. 38). Onde a razão do mal radical é insondável (*unerforschbar*).

À nosso ver, a visão de Ricoeur sobre Kant apresenta uma certa aceitação de paradoxo sobre o mal. Ele é insondável, o mal existe contudo não é possível mensurá-lo, não é possível objetificá-lo, ele é mistério, é, como nos diz Kant segundo Ricoeur, insondável. O sofrimento existe na humanidade, sem que seja uma retribuição à má ação ou mesmo uma retribuição ao pecado. O mal do sofrimento é insondável. E mais, o mal que atrai o homem ao mal em sua *propensão* não pode ser sondável, pois não se

---

<sup>5</sup> Agora, quanto ao combate ao mal, Ricoeur retoma esse assunto em *O Si-Mesmo Como Um Outro* em especial no oitavo estudo, o que aqui abordaremos no terceiro capítulo. Adiantaremos que o ponto específico em relação o mal é a *escolha preferencial* que visa o bem frente ao mal, e o fomento à instituições justas. O que ainda em *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia* é apenas uma indagação.

apresenta como objeto para a consciência, o mal é já o que faz com que o homem penda para o mal, é assim a máxima raiz da propensão. Para nós isso representa a admissão do paradoxo que o problema do mal representa para Ricoeur, o mal não tem existência, mas é um conceito, uma máxima que lança os homens a execução de uma ação má, e essa ação sim, existente no mundo, mas que ainda paradoxalmente inexplicável. O mal radical, assim feito nos lança ao paradoxo de sua ocorrência, sem existência, sem uma razão última, é contudo unicamente fruto de uma propensão à uma máxima má. Ricoeur demonstra que o problema permanece.

Ricoeur prossegue sua avaliação da Teodicéia, à qual podemos inequivocamente chamar de racionalismo teológico, avaliando a contribuição notável de Hegel no discurso sobre o problema do mal, no lastro deixado por Kant e Leibniz. Contribuição esta de sua, talvez, mais notável chave de entendimento, isto é a dialética.

A dialética faz assim coincidir, em todas as coisas, o trágico e o lógico: é necessário que alguma coisa morra para que alguma coisa maior nasça. Neste sentido, a infelicidade está em todo lugar, mas em todo o lugar ultrapassada, na medida em que a reconciliação a conduz sempre a uma dilaceração. Assim Hegel pode retomar o problema da teodicéia do ponto onde Leibniz o tinha deixado, por falta de recursos diferentes do princípio da razão suficiente (Ricoeur, 1988, p. 39).

Segundo Ricoeur, a dialética hegeliana pretende revisar o pantragismo através do panlogismo. Nosso autor comenta em *O Si-Mesmo Como Um Outro* que Hegel, ao avaliar a *Antígona* de Sófocles, encontrado na *Fenomenologia Do Espírito*, marca que os personagens possuem uma “estreiteza do ângulo do empenho de cada um dos personagens”. Esta estreiteza marca o caráter solipsista de cada personagem. E que “sendo a unilateralidade dos caracteres somente fonte do trágico” (Ricoeur, 1997 b, p.292). No que tange a fragilidade das relações humanas [Mas que em Hegel são revisadas segundo a moralidade no sentido ético (*sittlichkeit*) da consciência moral (*gewissen*)]. É de se notar que Ricoeur em *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia*, frisa a resposta de Hegel ao problema do sofrimento como um todo, tal como em Leibniz, mas que o problema situacional é por demais importante.

São dois os textos de Hegel que Ricoeur pauta no estágio da teodicéia. São eles a *Fenomenologia Do Espírito*, em que Ricoeur verifica a dissolução da visão moral do

mundo. E a *Introdução À Filosofia Da História* onde nosso autor marca a dissociação da reconciliação da consolação.

No primeiro texto abordado, Ricoeur afirma que há uma dissociação entre a convicção e a consciência julgante, onde “A consciência julgante denuncia a violência do homem de convicção, que resulta da particularidade, da contingência e do arbítrio de sua inteligência” (Ricoeur, 1988, p. 40)<sup>6</sup>. Esta denúncia da consciência julgante em Hegel é o que possibilita vermos o mal moral como fruto da consciência julgante. Essa é talvez a grande inovação trazida por Hegel ao problema. E ainda é aqui que Hegel pergunta sobre a consistência do perdão.

Na cisão operada entre a consciência julgante e a convicção é que se pode operar o perdão, unindo o que antes era cindido. A dialética de Hegel então reconcilia os dois eus, numa igualdade que aliena o eu ao seu contrário gerando uma certeza de si mesmo. Mas nos pergunta Ricoeur “Que futuro está reservado, com efeito, ao sofrimento das vítimas numa visão de mundo onde o pantragismo é sempre recuperado no panlogismo?” (Ricoeur, 1988, p.41). Nos pergunta do sofrimento injusto, nos pergunta se o desespero trágico de uma vítima pode ser aplacado pelo perdão. A identidade entre o racional (que o homem pode perdoar), pode ser efetiva no plano real (que o homem deve perdoar)? A pergunta de Ricoeur traz a pessoa à logicidade de Hegel, e nos faz pensar. E nos perguntamos em vista da obra de Ricoeur. O perdão é o fim da condenação? A imputação cessa no momento em que perdoamos o que julgamos culpado? A razão pode superar o sofrimento?

É então no segundo texto de Hegel que Ricoeur colhe subsídios para a resposta. Em *Filosofia Da História* Ricoeur vê que o pantragismo é superado na medida que é visto como um problema do espírito do povo (*Volksgeist*) e pelo espírito do mundo (*Weltgeist*). A convicção neste texto de Hegel é o que move o mundo, é o homem que encarna o espírito do povo executando uma mudança em seu mundo. O que acreditamos segundo o que nos informa Ricoeur, é que Hegel supõe que o espírito do povo encarnado na convicção faz perdoar os atos malignos em prol do próprio espírito do mundo. O Estado necessita que o povo se manifeste e aja mesmo malignamente em prol

---

<sup>6</sup> Desta dissociação feita por Hegel podemos ver que reflete na obra de Ricoeur no que tange a adscrição abordada em *O SI MESMO COMO UM OUTRO*, pois sempre quem julga é quem determina o que é o mal. Isto é, há sempre uma imputação que diz o que é o mal.

do bem coletivo, supomos isso, por saber que Hegel admirava a revolução francesa, e em especial este seu escrito ter a influência desta mesma revolução. Assim parece racionalmente correto uma convicção (no caso de uma revolução) ser passível de perdão no que tange a formação de um Estado.

A ironia, aponta Ricoeur, é que há uma suposição de inteligibilidade na história capaz de superar o sofrimento dos anônimos da própria história. A questão do sofrimento continua sem resposta no ver de Ricoeur. Para Ricoeur, em Hegel “Quanto mais o sistema prospera, mais as vítimas são marginalizadas. O êxito do sistema faz o seu fracasso. O sofrimento, através da voz da lamentação, é o que se exclui do sistema” (Ricoeur, 1988, p.42). No livro *O Justo* Ricoeur propõe a idéia da justiça das instituições, e pontuamos que talvez a questão seja a mesma de agora, o sofrimento de um anônimo (mesmo culpado) é justo em prol do Estado como um todo? A questão do sofrimento e da necessidade de instituições justas culminam na pequena ética vista em *O Si-Mesmo Como Um Outro*.

Para nosso autor, a inteligibilidade do sistema quase anula o mal sofrido pela pessoa. Neste sentido Ricoeur é humano, preocupa-se com o sofrimento de um único ser que seja em meio a multiplicidade dos seres humanos, e mesmo o sofrimento de um, em prol de todos deve ser levado em conta. O mal continua sendo uma questão, mesmo depois de Hegel, e é o que demonstra com seu último momento do que chamamos a história filosófica do problema do mal.

### **O Estágio da Dialética Quebrada**

O quinto dos níveis de discurso na especulação sobre o mal é o estágio da dialética quebrada. Lembramos que o livro *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia*, deriva de um artigo de Ricoeur com o mesmo nome, e editada em inglês por Mark, I. Wallace e traduzida por David Pellauer encontrada no livro *Figuring The Sacred: Religion Narrative And Imagination*. Onde neste primeiro artigo não há a divisão apresentada agora como “estágio da dialética quebrada”. Neste primeiro artigo é algo ainda próprio da teodicéia, mas que revisado mereceu um capítulo à parte. Tentaremos expor como Ricoeur expõe um estágio em separado onde o mal é inconciliável à bondade da criação, mas que opera como “mão esquerda de Deus”. No



livro *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia*, a dialética quebrada propõe Ricoeur, duas possíveis interpretações a teoria de Barth.

De um lado, Barth prossegue sendo um herdeiro e parte do grupo da teodicéia. Onde a ideia de mão esquerda concilia o mal à bondade de criação. De outro lado, Barth traz uma inovação o que o lança em um novo estágio, à saber, o da dialética quebrada. Onde o mal é o paradoxo, tal como na interpretação Kierkegaardiana. Eliminando assim toda sombra de conciliação.

No artigo presente em *Figuring The Sacred*, parece imperar a primeira opinião, e é de onde se inicia a questão do mal em Ricoeur, tal como o autor afirma. Mas que, na evolução do pensamento presente no livro *O Mal: Um Desafio À Filosofia E À Teologia*, Ricoeur coloca que o próprio “Barth afirma que só uma teologia “quebrada”, isto é, uma teologia que teria renunciado à totalização sistemática, pode se engajar na via temível de pensar o mal” (Ricoeur, 1988, p. 43). Mas que ainda é necessário perguntar se “Barth foi fiel a essa interpretação até o fim a esta sua declaração inicial” (Ricoeur, 1988, p. 43). Neste sentido o livro explica melhor a posição de Barth e acreditamos que assim explica também sua posição quanto ao mal.

Para Ricoeur :

*Quebrada* é com efeito, a teologia que reconhece ao mal uma realidade inconciliável com a bondade da criação. Atesta realidade, Barth reserva o nome de *das Nichtige* com o fim de distingui-la radicalmente do lado *negativo* da experiência humana, só levada em conta por Leibniz e Hegel. É preciso pensar um nada hostil a Deus, um nada não somente de deficiência e privação, mas de corrupção e de destruição. (Ricoeur, 1988, p. 43)

Antes de dizer qualquer coisa sobre o texto de Ricoeur, gostaríamos de dizer algo sobre o termo *das Nichtige*. O termo alemão é primordialmente o nada, mas implica a nulidade do nada e mais o que é fútil, o que é vão no nada. O nada de que fala Barth, na interpretação de Ricoeur, é um algo insondável, tal como o mal radical de Kant, mas que não se omite quanto ao mal que é sofrimento, não como retribuição, mas como a mão esquerda de Deus operando no mundo. O mal então é aquilo que corrompe e destrói o humano. Aqui perguntamos se é o mesmo mal que é *defilement* (mancha, ou corrupção, em francês *souillure*) tratado em *The Symbolism Of Evil*? Um mal que nos corrompe de fora. A nosso ver parece que sim. É um mal permitido por Deus que nos ameaça e que nos testa.

Para Barth, segundo Ricoeur, “o nada, é que o Cristo o venceu, se aniquilando a si mesmo na Cruz” (Ricoeur, 1988 p.44) e a partir da vitória do Cristo a humanidade pode conhecer o nada. E aqui achamos que o termo em alemão indica mais do que o nada, indica também o fútil, o vão que permeia a própria existência humana. O que falta a partir da vitória do Cristo para Barth, segundo Ricoeur, é o próprio fim do mal. E neste sentido Ricoeur se filia a tradição, implicando que para o fim do mal acontecer, há a necessidade de consolidar *instituições justas*, abordadas em *O Si-Mesmo Como Um Outro*, e *O Justo*.

Ricoeur marca que estranhamente há uma coordenação sem conciliação entre a mão direita e mão esquerda de Deus. Vemos no texto de Ricoeur:

O nada também vem de Deus, mas em outro sentido, diferente da proveniência da criação boa, isto é, para Deus, eleger no sentido de eleição bíblica, é rejeitar algo que, por ser rejeitado, existe sob o modo de nada. Este lado de rejeição é de alguma forma “a mão esquerda” de deus. “O nada é o que Deus não quer. Ele só existe porque Deus não o quer.” (Ibid., p. 65) De outro modo, o mal só existe como objeto da cólera de Deus. (...) “Por que Deus reina também à mão esquerda, ele é a causa e o mestre do próprio nada” (Ibid., p. 64) (Ricoeur, 1988, p. 45).

Esta passagem esclarece o pensamento de Barth na visão de Ricoeur. O mal existe na medida em que é o negado por Deus. Mas que capaz de ser assumido pelo homem em sua *falibilidade*, talvez até mesmo em negação à própria vontade de Deus. O mal é a escolha pelo que é rejeitado (O termo em alemão nos ressalta outra vez com o entendimento de fútil e vão do nada). E mais o mal radical é respondido na medida que é parte da criação como o que é rejeitado pelo próprio Deus, senhor desse nada.

Ricoeur ressalta as duas interpretações possíveis a abordagem de Barth sobre o mal. Como dissemos de um lado inserindo-o na teodicéia. Isto se a bondade de Deus impera contra o mal desde o momento da criação como nos mostra o Gênesis, nos diz Ricoeur que a potência de Deus ficaria restrita em Barth pela própria existência dual do mal. Ou seja o aforismo da teodicéia se lança. Deus é todo poderoso, contudo o mal existe. Para Ricoeur se interpretamos Barth por esse caminho vemos somente um *frágil compromisso*. Contudo por outro lado podemos interpretar Barth na medida em que recusa a lógica de não-contradição e a totalização sistemática da teodicéia. Na medida

em que o mal é a efetividade da mão esquerda de Deus, e essa paradoxalmente aceita pelo homem que sofre em face do mal.

A interpretação de Ricoeur dos estágios do entendimento sobre o mal de acordo com a filosofia e a teologia, contribui ao especular filosófico do próprio Ricoeur. Estes estágios esclarecem como Ricoeur se insere na tradição e como é inovador sua abordagem da questão do mal, não mais de maneira a ignorar o sofrimento do homem, ainda que de um só homem. Ricoeur vê o mal de maneira personalista, onde não é o problema do mal em sua essência, mas como este se dá no mundo. Desta forma se distancia das interpretações pregressas, mas de onde obtém subsídios para sua avaliação.

Lembramos que Ricoeur designa sua filosofia por filosofia da ação. Sempre pautando o homem em situação. O mal se torna então um problema não mais em sua relação com a bondade da criação, mas já em relação ao homem, que especula sobre o mal, sobre o homem que perpetra o mal e com o homem que sofre o mal. Dessa forma sua resposta sobre a origem do mal diferentemente da resposta sobre o mal radical na teodicéia, se dá no campo da história, em *The Symbolism Of Evil* o mal é visto em perspectiva da experiência humana como vemos nesta obra.

Como dissemos no início, a história da interpretação sobre o mal é visto à maneira de um problema onto-teológico. Assim perde-se de foco do fenômeno do mal, para a relação da existência do mal à existência de Deus. E mais, perde-se sua relação à pessoa. Ricoeur, marca a história da interpretação do mal, para então expor como entende o mal nos campos da experiência humana. O campo da pessoa em face do mal. Para Ricoeur é no campo do pensar, no campo do agir e no campo do sentir que se verifica a existência do problema e desse modo o abordar. Contudo a história pregressa nos esclarece como o entendimento foi se solidificando, permitindo-nos pensar o mal.

### **Referências bibliográficas**

ABEL, Olivier. *Paul Ricoeur: a promessa e a regra*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

AGOSTINHO. *Confissões*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1966.

\_\_\_\_\_. *Ricoeur's ethics of method*. Disponível em: <<http://olivierabel.fr/>> Acesso em: 20 Set. 2011.

CADORIN, Severino. *O mal: interpretação de Paul Ricoeur*. SOTESE, 2001.

CORREA, C.J. *Ricoeur e a expressão simbólica do sentido*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

COSTA, Celso Paulo. *O conceito de mal em Paul Ricoeur*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Santa Maria, RS. 2008.

GROSS, Eduardo. *Hermenêutica e religião a partir de Paul Ricoeur*. In Numem: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora vol.2, n.1.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Crítica da razão prática*. 1ª edição bilíngüe, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser, o mas alla de la esencia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1987.

LEWIS Edwin Hahn. *The philosophy of Paul Ricoeur. The library of living philosophers; v.22*. Southern Illinois University at Carbondale, 1996.

MACHADO, Adriane da Silva. *O mal sofrido em Paul Ricoeur*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Santa Maria, RS. 2009.

MONGIN O. *Paul Ricoeur: as fronteiras da filosofia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes, 2007

RICOEUR, Paul. *The symbolism of evil*. Boston: Beacon Press, 1969.

\_\_\_\_\_. *O Conflito das interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Mal: Um Desafio À Filosofia E A Teologia*. Campinas, São Paulo: Papirus. 1988.

\_\_\_\_\_. *Figuring the sacred: Religion, Narrative and Imagination*. Translated by David Pellawer. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1995.

\_\_\_\_\_. *Leituras 2: A religião dos filósofos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Leituras 3: Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Autrement lecture d'autrement qu'être Ou delà de l'essence d'Emmanuel Levinas*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997 (a).

\_\_\_\_\_. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997 (b).

\_\_\_\_\_. *Da metafísica à moral*. Lisboa: Instituto Piaget, (s. d.).

\_\_\_\_\_. *O justo I: A Justiça Como Regra Moral e Como Instituição*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Morale sans péché ou péché sans moralisme?*. Disponível em: <<http://www.fondsricoeur.fr/>> Acesso em: 20 Set. 2011.

\_\_\_\_\_. *Le symbole donne a penser*. Disponível em: <<http://www.fondsricoeur.fr/>> Acesso em: 20 Set. 2011.

\_\_\_\_\_. *Culpabilité tragique et culpabilité biblique*. Disponível em: <<http://www.fondsricoeur.fr/>> Acesso em: 20 Set. 2011.